

Entre o corpo e a consciência: propriocepção como Função Psíquica Superior na perspectiva histórico-cultural – uma revisão da literatura

Between body and consciousness:
proprioception as a Higher Psychological Function in the
cultural-historical perspective – a literature review

Entre el cuerpo y la conciencia:
la propiocepción como Función Psíquica Superior en la
perspectiva histórico-cultural – una revisión de la literatura

Bianca Viana¹

Tainara Malta Acácio²

Giuseppina Marsico³

Joana de Jesus de Andrade⁴

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão da literatura sobre o conceito de propriocepção na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural (PHC), buscando compreender de que modo essa função, amplamente estudada nos campos fisiológico e neurocientífico, pode ser concebida como processo psíquico voluntário e mediado. Sustentado nos pressupostos de Vigotski e de Luria, o estudo parte do entendimento de que o corpo não constitui apenas substrato biológico, mas locus de constituição da consciência e origem das Funções Psíquicas Superiores (FPS). Assim, investigar a propriocepção sob o enfoque da PHC implica recolocar o corpo no centro da constituição humana, articulando sensação, percepção e consciência. A revisão de literatura foi conduzida segundo o protocolo PRISMA, com buscas nas bases SciELO

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP, 2025), com estágio de doutorado sanduíche no Departamento de Ciências Humanas, Filosóficas e Educacionais na *Università degli Studi di Salerno* (UNISA, Itália, 2022-2023). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8786-1473>. E-mail: bianca_vianam@hotmail.com.

² Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP, 2022). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3817-1692>. E-mail: acaciomalta7@hotmail.com.

³ Professora Associada no DISUFF (Departamento de Ciências Humanas, Filosóficas e Educacionais), na *Università degli Studi di Salerno* (UNISA, Itália). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8683-2814>. E-mail: pina.marsico@gmail.com.

⁴ Professora associada do Departamento de Química e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6161-2209>. E-mail: joanaj@ffclrp.usp.br.

e Redalyc entre 2000 e 2024. Após o processo de seleção, leitura dos títulos, resumos e textos completos, apenas três artigos apresentaram aproximação efetiva entre propriocepção e pressupostos da PHC, ainda que de forma parcial. Identificou-se predominância de estudos que tratam a propriocepção sob enfoques fisiológicos ou neurofenomenológicos, mesmo quando citam Lúria, sem integrar a mediação social, a gênese cultural ou a interfuncionalidade das FPS. A ausência de trabalhos que articulem diretamente propriocepção e PHC evidencia uma lacuna teórico-metodológica relevante. A análise dos estudos selecionados permitiu compreender que a propriocepção, embora fundada em processos sensoriais, pode ser concebida, na PHC, como função psíquica que se desenvolve por internalização, mediação cultural e atividade voluntária. Nessa perspectiva, sensação, percepção e consciência constituem um sistema integrado que possibilita, ao sujeito, agir intencionalmente no mundo. Conclui-se que a literatura carece de formulações que considerem o corpo como princípio epistemológico e como matriz histórica da consciência, indicando a necessidade de aprofundar investigações que articulem corpo, cultura e constituição humana na abordagem histórico-cultural.

Palavras-chave: Propriocepção; Psicologia Histórico-Cultural; Constituição humana; Funções Psíquicas Superiores; Corpo e consciência.

ABSTRACT

This article presents a literature review on the concept of proprioception from the perspective of Cultural-Historical Psychology (CHP), seeking to understand how this function—widely studied in the physiological and neuroscientific fields—can be conceived as a voluntary and mediated psychological process. Grounded in the assumptions of Vygotsky and Lúria, the study begins with the understanding that the body is not merely a biological substrate, but a locus for the constitution of consciousness and the origin of Higher Psychological Functions (HPFs). Thus, investigating proprioception through the lens of CHP implies repositioning the body at the center of human constitution, articulating sensation, perception, and consciousness. The literature review followed the PRISMA protocol, with searches conducted in the SciELO and Redalyc databases between 2000 and 2024. After the selection process and the reading of titles, abstracts, and full texts, only three articles demonstrated an effective—though partial—connection between proprioception and CHP assumptions. A predominance of studies addressing proprioception from physiological or neurophenomenological perspectives was identified, even when Lúria is cited, without integrating social mediation, cultural genesis, or the interfunctional nature of HPFs. The absence of works that directly articulate proprioception and CHP reveals a significant theoretical–methodological gap. The analysis of the selected studies allowed us to understand that proprioception, although grounded in sensory processes, can be conceived within CHP as a psychological function that develops through internalization, cultural mediation, and voluntary activity. From this perspective, sensation, perception, and consciousness form an integrated system that enables individuals to act intentionally in the world. It is concluded that the literature lacks formulations that consider the body as an epistemological principle and as the historical matrix of consciousness, indicating the need to deepen investigations that articulate body, culture, and human constitution within the cultural-historical approach.

Keywords: Proprioception; Cultural-Historical Psychology; Human constitution; Higher Psychological Functions; Body and consciousness.

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión de la literatura sobre el concepto de propiocepción en la perspectiva de la Psicología Histórico-Cultural (PHC), buscando comprender de qué modo esta función, ampliamente estudiada en los campos fisiológico y neurocientífico, puede concebirse como un proceso psíquico voluntario y mediado. Sostenido en los presupuestos de Vigotski y Luria, el estudio parte del entendimiento de que el cuerpo no constituye únicamente un sustrato biológico, sino un locus de constitución de la conciencia y origen de las Funciones Psíquicas Superiores (FPS). Así, investigar la propiocepción desde el enfoque de la PHC implica recolocar el cuerpo en el centro de la constitución humana, articulando sensación, percepción y conciencia. La revisión de la literatura fue realizada según el protocolo PRISMA, con búsquedas en las bases SciELO y Redalyc entre 2000 y 2024. Después del proceso de selección y de la lectura de los títulos, resúmenes y textos completos, solo tres artículos presentaron una aproximación efectiva entre propiocepción y presupuestos de la PHC, aunque de forma parcial. Se identificó un predominio de estudios que abordan la propiocepción desde enfoques fisiológicos o neurofenomenológicos, incluso cuando citan a Luria, sin integrar la mediación social, la génesis cultural o la interfuncionalidad de las FPS. La ausencia de trabajos que articulen directamente propiocepción y PHC evidencia una laguna teórico-metodológica relevante. El análisis de los estudios seleccionados permitió comprender que la propiocepción, aunque basada en procesos sensoriales, puede concebirse, en la PHC, como una función psíquica que se desarrolla mediante la internalización, la mediación cultural y la actividad voluntaria. Desde esta perspectiva, sensación, percepción y conciencia constituyen un sistema integrado que permite al sujeto actuar intencionalmente en el mundo. Se concluye que la literatura carece de formulaciones que consideren el cuerpo como principio epistemológico y como matriz histórica de la conciencia, lo que señala la necesidad de profundizar en investigaciones que articulen cuerpo, cultura y constitución humana en el enfoque histórico-cultural.

Palabras clave: Propiocepción; Psicología Histórico-Cultural; Constitución humana; Funciones Psíquicas Superiores; Cuerpo y conciencia.

1. Introdução

O corpo, comumente entendido como um dado biológico, constitui o ponto de partida e o fundamento da existência humana, no sentido de que constitui a condição fundamental da experiência e da percepção (MERLEAU-PONTY, 1994). É nele, forjado como produto de imbricadas relações sociais, que a consciência emerge e se reconhece; é por meio dele que o sujeito age, sente e se relaciona com o mundo. Investigar o corpo – e, de modo mais específico, a propriocepção, isto é, a percepção de si como corpo no espaço e no tempo – significa revisitar o lugar originário da consciência e da subjetividade nas ciências humanas. Trata-se de

compreender o sujeito em um “corpo que sente” e um “corpo que significa”, em uma perspectiva que articula sensação, percepção e consciência na compreensão epistemológica da constituição humana.

A Psicologia Histórico-Cultural⁵ (PHC) oferece uma base teórico-metodológica privilegiada para essa investigação. Ao conceber as Funções Psíquicas Superiores (FPS) como historicamente constituídas e mediadas culturalmente (VIGOTSKI, 1995; LURIA, 1981; LEONTIEV, 2004), ela propõe que toda atividade consciente é resultado da apropriação das relações sociais. Nesse contexto, a propriocepção pode ser compreendida não apenas como função fisiológica, mas como função psíquica voluntária, passível de desenvolvimento por meio das relações sociais, das práticas simbólicas e das mediações culturais. Assim, investigar a propriocepção a partir da PHC significa reconhecer que o corpo participa ativamente da constituição da consciência e do pensamento, superando o dualismo entre corpo e mente.

Do ponto de vista histórico-epistemológico, a ausência de estudos que integrem corpo e a constituição humana revela uma lacuna teórica na PHC (SILVA, 2025). A maior parte da literatura se concentra em aspectos apenas fisiológicos relacionados aos modos de perceber. Ao considerar tal fato, neste trabalho, a proposta é apresentar uma revisão da literatura, a partir do PRISMA⁶ a fim de apontar justamente para essa insuficiência: a propriocepção na perspectiva da PHC.

A relevância dessa investigação consiste em evidenciar uma lacuna na literatura científica. Embora a propriocepção seja amplamente estudada em contextos fisiológicos, são escassos os trabalhos que a abordam sob o olhar da PHC. Realizar uma revisão de literatura, segundo o modelo PRISMA, permite mapear o que está publicado e, sobretudo, o que ainda não foi produzido sobre o tema – revelando a carência de abordagens que integrem corpo e mente em uma mesma matriz epistemológica, na abordagem da PHC. Essa ausência aponta para a

⁵ Neste trabalho, optou-se pela utilização da expressão Psicologia Histórico-Cultural em razão da sua constituição enquanto ciência psicológica (SMOLKA et al., 2022). Embora se reconheça o caráter interdisciplinar da produção vigotskiana e a amplitude do termo Teoria Histórico-Cultural, a denominação adotada será PHC.

⁶PRISMA é um guia internacional de diretrizes científicas. Ele consiste em uma lista de verificação (*checklist*) e um fluxograma que orientam os pesquisadores a documentar e relatar, com transparência e rigor, o processo de elaboração de uma revisão bibliográfica.

emergência desse estudo porque a propriocepção, compreendida como percepção do corpo, supostamente interna e externa – situado no mundo, no espaço e no tempo – representa uma via privilegiada para repensar a unidade corpo-mente, recolocando o corpo, considerado como produto das relações sociais, como origem da consciência e da constituição humana na perspectiva da PHC. Pensar o corpo como lócus de percepção, de autoconsciência e de relação com o outro significa revisitar o “lugar” em que tudo começou.

O presente artigo, portanto, busca recolocar o próprio conceito de corpo no centro da reflexão psicológica e epistemológica, compreendendo-o como princípio de significação e da constituição humana. Essa abordagem pretende contribuir para o desenvolvimento de uma psicologia que reconheça, em sua própria gênese, o caráter indissociável entre corpo e mente.

2. Propriocepção: sensação e percepção voluntárias – corpo que age, sente e se relaciona

A propriocepção é um dos principais canais para compreendermos as informações do mundo exterior e do próprio corpo (Luria, 1979); é uma sensação articular e muscular (DAMÁSIO, 1996), de caráter ativo e seletivo (LURIA, 1979). Reconhecer a localização espacial do corpo, em sua posição e orientação, sem a necessidade de usar a visão, é a propriocepção. O primeiro a identificá-la como sensação proprioceptiva foi Sherrington, em 1890, enfatizando que propriocepção é o reconhecimento do senso de “nós mesmos”, em um *feedback* dos membros ao sistema nervoso central (SHERRINGTON, 1906).

Os sentidos que constituem o mundo (visão, audição, paladar, olfato e tato) compõem a sensibilidade e são facilmente reconhecidos. Todavia, a propriocepção acaba por ser um sentido “não enaltecido” e muito simplista no argumento trivial, pois faz parte do nosso desenvolvimento enquanto ontogênese e, por vezes, passa como despercebida, por ser regulada de forma inconsciente e automática (SACKS, 1997).

Não pensamos, por exemplo, para ficar em pé e andar, e fazemos isso até mesmo de olhos fechados; mas parte do nosso corpo (músculos, tendões e articulações) é monitorado e ajustado pela posição e pelo tono, de modo automático e inconsciente (SACKS, 1997; LURIA, 1979). “É tão automático, tão familiar, que nunca pensamos nele [movimento corporal]” (SACKS, 1997, p. 41).

O controle do movimento, a coordenação, o senso do corpo e a habilidade de governar as sensações dos músculos, tendões e articulações, são elementos que fundamentam a propriocepção, de modo a ser “como os olhos do corpo” (SACKS, 1997, p. 44), mas é tão automático e de caráter filogenético – a princípio – do sujeito, que passa a ser não reconhecido. Por ser automático, nós não pensamos mais para fazer – o que pode dar a ideia de ser banal.

[...] desde a sensação, que representa o mecanismo primário por meio do qual se estabelece a relação com o meio, não é o substrato natural por si mesmo que condiciona o seu desenvolvimento. Ainda que do ponto de partida seu substrato seja natural, orgânico, o grau de dependência da sensação a ele é apenas relativo, uma vez que o próprio funcionamento dos analisadores depende, sobretudo, dos estímulos do ambiente aos quais responde (MARTINS, 2013, p. 294).

No entanto, a ausência da propriocepção pode afetar a fluidez do movimento espontâneo, que é de “sua propriedade”, caracteristicamente “seu”.

David Hume, filósofo do século XVIII, foi um dos primeiros – no âmbito da filosofia e da psicologia – a rejeitar a noção de que o conhecimento deriva de uma razão inata e estabelece que as impressões sensoriais são a base de todas as ideias dos sujeitos (1739). Sua oposição ao racionalismo cartesiano é notável ao afirmar que a mente não possui conhecimento prévio sobre o mundo, mas é constituída pela experiência. Nesse sentido, para Hume (1739), podemos inferir que não existe uma “certeza absoluta” sobre a regularidade das ideias que temos sobre o mundo, pois essas derivam de sensações que são únicas para cada sujeito.

Para exemplificar melhor, recorreremos a um texto de Oliver Sacks (1997), no qual ele discute diversos casos relacionados ao psiquismo. O livro, intitulado “O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas”, traz, no capítulo “A mulher desencarnada”, uma reflexão especialmente relevante que nos remete ao pensamento de Hume sobre experiência, sensação, corpo e mente na constituição humana. Essa conexão é evidente ao considerarmos as discussões presentes em “Tratado da natureza humana”, de Hume (1739), nos itens “Sensações e ideias” e “A inexistência do eu”.

(...) Ficar em pé era impossível – a menos que ela olhasse para os pés. Ela não conseguia segurar nada nas mãos, que ‘vagueavam’, a menos que mantivesse os olhos fixos nelas. Quando tentava estender as mãos para pegar alguma coisa ou para se alimentar, as mãos erravam grotescamente o alvo, como se algum controle ou coordenação essencial houvesse desaparecido. (...) Parecia haver um déficit proprioceptivo muito grande, quase total, que ia dos dedos dos pés à cabeça – os lobos parietais estavam funcionando, mas não tinham nada com que trabalhar. (...) Fizemos um chamado de emergência, (...) para o fisiatra, o especialista em medicina física. (...) Ele chegou rápido (...). Arregalou os olhos ao ver Christina, examinou-a com presteza e minuciosamente, depois realizou testes elétricos dos nervos e função muscular. “É extraordinário”, disse ele. “Nunca vi nada parecido com isto antes, pessoalmente ou na literatura. Ela perdeu por completo a propriocepção – você tem razão – da cabeça aos pés. Não tem sensações nos músculos, tendões ou articulações. Há uma ligeira perda de outras modalidades sensoriais – para o toque leve, a temperatura e a dor, e um pequeno envolvimento das fibras motoras também. Mas é predominantemente o senso de posição – a propriocepção – que fundamenta esse dano” (SACKS, 1997, p. 42-3).

A ideia de Hume pode ser relacionada à propriocepção, especialmente no caso descrito por Sacks (1997), em que Christina perdeu completamente o senso proprioceptivo. Assim como Hume sugere que o conhecimento é construído pelas impressões sensoriais, a propriocepção atua como uma experiência fundamental para a construção do “eu” e para a relação do sujeito com o meio. A ausência da propriocepção/das sensações afeta a fluidez do movimento espontâneo, que é de “sua propriedade”, caracteristicamente “seu”. Caso descrito no episódio de Sacks, na qual a personagem perdeu totalmente o senso proprioceptivo e, no lugar (evidenciado no decorrer da leitura), ela usou os ouvidos e a visão, a fim de compensar a postura natural por uma pose adotada/teatral – que, por perder a naturalidade e a sensação do seu próprio corpo, autocaracterizou-se por “desencarnada”: (...) “Sinto que meu corpo está cego e surdo para si mesmo... ele não tem o senso de si mesmo (p. 47) (...) eu me sinto esquisita – desencarnada (p. 42)” – declarou a personagem (SACKS, 1997, p. 47/42).

Nessa perspectiva, a propriocepção – caracterizada como sensação e percepção – é primordial para o reconhecimento do próprio corpo (localização espacial, posição e orientação), e necessária para a atividade consciente – é

considerada, a princípio, do plano da ontogênese, ou seja: como parte integrante da sequência de desenvolvimento da espécie humana. No entanto, são os sentidos que formam o “eu”. Mesmo que o ponto de partida seja o natural e orgânico, o “conteúdo sensível” (sensação, percepção e representação) é o que constitui a consciência (LEONTIEV, 2004) e, por isso, partimos do ponto de partida de que ela pode ser uma função voluntária.

A impressão sensorial é a responsável pelo controle do corpo, para ele se manter alinhado e equilibrado no espaço; e pelos sentidos dos músculos, que é a “percepção da posição relativa do tronco e membros, derivada dos receptores nas articulações e tendões” (SACKS, 1997, p. 62). Da mesma forma, Hume argumenta que não se pode falar do “eu” sem uma sensação — a experiência está sempre ligada a essa relação sensorial, princípio para o conhecimento. Para ele, não existe mente sem corpo; a mente é ação e sensação. Assim, o sujeito faz, age e sente por meio de suas experiências sensoriais – no meio cultural –, que formam o seu “eu”.

Por meio dessa análise, podemos identificar que o funcionamento da propriocepção exemplifica a visão de Hume sobre a experiência e a constituição humana. As sensações e a ação do sujeito com o meio/a sociedade, pelos seus órgãos sensoriais, não apenas constituem o entendimento do mundo, mas, também, formam a própria percepção do “eu”. Sacks (1997) reforça essa conexão ao destacar como a perda da propriocepção afeta a noção de “senso de si”, enfatizando que o conhecimento do próprio corpo é tão idiossincrático quanto as impressões sensoriais que constituem nossas ideias.

Dentro desse contexto, há uma ideia que pode ser vista como um esforço para organizar as experiências sensoriais e derivar, delas, um entendimento maior sobre o mundo e sobre nós mesmos; na qual o conceito de propriocepção, como uma função psíquica e sensorial, exemplifica como a experiência constitui o conhecimento e a percepção de si pela impressão sensorial.

Para tanto, pode-se dizer que a propriocepção apresenta tanto uma dimensão elementar quanto superior. Em sua forma elementar, atua involuntariamente como mecanismo biológico de orientação corporal; em sua forma superior, envolve a tomada de consciência e a regulação voluntária dos movimentos em relação ao meio externo, configurando-se como Função Psíquica Superior. Para Vigotski (1978), a propriocepção

é uma forma de regulação voluntária e permite que o sujeito planeje e execute movimentos, considerando o contexto em que estão. Esse processo, por sua vez, é mediado pela atenção, percepção e memória.

Como função psíquica que se principia da sensação, seu caráter é ativo e seletivo. “(...) Em termos fisiológicos, a sensação não é absolutamente um processo passivo, mas sempre incorpora à sua composição componentes motores” (LURIA, 1979, p. 7). Já como sensação proprioceptiva, ela garante a “(...) informação sobre o corpo no espaço e a posição do aparelho de apoio e movimento, assegurando regulação dos nossos movimentos” (LURIA, 1979, p. 9).

As sensações foram divididas em três tipos, por Luria (1979): sensações (1) interoceptivas, (2) proprioceptivas e (3) extraceptivas.

A primeira, sensação interoceptiva, reúne os sinais que nos chegam no meio interior do organismo e garantem a regulação das inclinações elementares. É uma sensação de “ponto intermediário” entre as sensações autênticas e as emoções. Ela é importante para a regulação da balança dos processos internos de metabolismo.

A segunda, proprioceptiva, garante a informação sobre o corpo no espaço e a posição do aparelho de apoio e movimento, assegurando a regulação dos nossos movimentos.

A terceira, extraceptiva, assegura a recepção de sinais do mundo exterior, criando a base do comportamento consciente. É nesse grupo que se situam o olfato, o paladar, o tato, a visão e a audição; e foram divididos em sensações de contato (paladar e tato) e sensações de distância (olfato, visão e audição).

Nessa perspectiva, juntamente com o processo ativo e seletivo sobre as informações do corpo e o seu movimento, em nosso estudo, a propriocepção é combinada com a sensação, mas, também, com a percepção, ou seja: a “atividade receptora do sujeito” (LURIA, 1979, p. 40). Segundo Luria (1979), “a atividade perceptiva quase nunca se limita a uma modalidade, mas compreende o resultado do trabalho conjunto dos vários órgãos dos sentidos” e, ainda, “o processo de percepção do objeto nunca se realiza em nível elementar e sua composição tem sempre como integrante o nível superior de atividade psíquica” (LURIA, 1979, p. 41).

A percepção não depende apenas dos órgãos dos sentidos; ela também incorpora a experiência prévia do sujeito e a singularidade de suas concepções. Envolve, ainda, o

caráter ativo, coerente e crítico com que o sujeito analisa um objeto, bem como a manutenção dos movimentos que integram essa atividade receptora (LURIA, 1979).

Nesse sentido, considerando a literatura da PHC, nosso estudo compreende tanto o reconhecimento do esquema corporal – sua localização, posição e orientação – de forma ativa e seletiva (e isso é a sensação), quanto a atividade receptora e suas implicações (que é a percepção).

A propriocepção, definida como o “mapeamento de informações do tato, pressão e movimentos esqueléticos” (DAMÁSIO, 2011, p. 267), e relacionada à capacidade de produzir imagens e mapas que permitem perceber e reconhecer a posição do corpo no espaço (DAMÁSIO, 2011), constitui uma função fundamental para o estabelecimento do contato, da imagem corporal, da coordenação e da organização dos movimentos. Além disso, é essencial para a formação da consciência de si e para a regulação das ações (KIGNEL, 2005).

No entanto, mais do que uma função fisiológica, a propriocepção pode ser compreendida, sob uma perspectiva histórico-cultural, como o ponto de encontro entre sensação, percepção e consciência, isto é, entre o sentir imediato e o compreender pensado. Pela sensação, o corpo capta o meio; pela percepção, organiza essas impressões em significados; e, pela consciência, o sujeito reconhece a si mesmo em relação ao outro e ao meio (LURIA, 1979). Essa relação revela que o corpo é a primeira instância para sentir e significar. Assim, estudar a propriocepção não se limita a compreender um mecanismo somente sensório, mas implica investigar o próprio processo da constituição humana, de modo a perceber como o corpo dá origem à consciência e à possibilidade de pensar e atuar no mundo.

3. A constituição humana a partir da propriocepção: o corpo como princípio epistemológico

Pensar a constituição humana requer reconhecer o corpo como ponto de origem e condição de possibilidade para o conhecimento e a consciência. O corpo é o próprio lugar em que o mundo se torna experiência. É por meio dele que o sujeito se percebe, age e se reconhece; e é a partir dele que o pensamento se organiza em direção ao outro e à realidade. Nessa perspectiva, o corpo constitui o princípio

epistemológico do estudo do humano: é nele que se enraízam a percepção, a consciência e a subjetividade.

A propriocepção ocupa centralidade nesse processo. Ela representa o elo sensível entre o organismo e o meio, entre o “eu” e o mundo. Hume (1789) já intuía essa interdependência ao afirmar que as ideias derivam das impressões sensoriais e que o “eu” não existe como substância autônoma, mas como um feixe de percepções que se sucedem em continuidade. Assim, a experiência sensível funda a mente, e a consciência surge como efeito das relações corporais com o meio. Nessa leitura, a propriocepção pode ser compreendida como uma via pela qual o sujeito se constitui.

Sob a abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, a propriocepção deixa de ser mero fenômeno fisiológico e passa a ser compreendida como FPS. Ela integra a unidade entre biologia e cultura. Para Vigotski (1995), toda FPS tem origem nas relações sociais, mediadas por signos, antes de se tornar função interna. Desse modo, a propriocepção, ainda que fundada em processos orgânicos, desenvolve-se por meio da apropriação das práticas sociais, das formas culturais de se mover, perceber e sentir. O corpo, portanto, é histórico: carrega em seus gestos e percepções as marcas da cultura e das relações sociais que o constituem.

A constituição humana, nesse sentido, também é um processo de constituição do corpo. A propriocepção não apenas informa o sujeito sobre sua posição no espaço, mas o insere no mundo simbólico, em que as sensações ganham sentido social (Silva, 2025). Quando uma criança aprende a sustentar o corpo, coordenar movimentos ou regular a própria ação, ela não está apenas desenvolvendo habilidades motoras, mas apropriando modos culturais de ser e de agir no mundo. Essa passagem da experiência sensível à consciência mediada expressa o movimento dialético que a PHC identifica entre o biológico e o social.

Autores como Luria (1979; 1981), Vigotski (1995) e Leontiev (2004) aprofundaram esse entendimento ao afirmar que as funções psíquicas se organizam em sistemas complexos, integrando sensação, percepção, atenção e memória em um todo funcional. A propriocepção, nessa perspectiva, é um dos alicerces da intencionalidade, pois permite ao sujeito agir de forma voluntária, consciente e socialmente orientada. Ela media a relação entre o corpo e o mundo.

Do ponto de vista epistemológico, reconhecer a propriocepção como categoria da PHC implica identificar um corpo em relação, que é constituído e emerge das relações entre o corpo sensível, o outro e o meio. Como destacam Bachelard (1996) e Canguilhem (2009), toda ciência nasce de um corpo que sente e que experimenta. Nesse sentido, a propriocepção representa o elo inaugural entre sensação e pensamento – o ponto em que a experiência pode se tornar indício para a consciência.

Assim, investigar a propriocepção na perspectiva da PHC é recolocar o corpo no centro do pensamento científico sobre a constituição humana. Porém, o conceito de corpo aqui é reelaborado, pois não se trata do órgão da medicina, da biologia, da clínica, mas é um corpo que é entendido como substrato material de complexos processos sociais, históricos e culturais. É um corpo em constante potência de ser, um corpo ciente, consciente e capaz; e não um corpo passivo ou objetificado. Enfatiza-se que conhecer, sentir e existir são expressões de um mesmo processo histórico de humanização, em uma dinâmica que começa e termina em um corpo em relação.

4. Revisão de literatura

A revisão sistemática apresentada neste estudo foi conduzida com base nas diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), conforme estabelecido por Moher et al. (2009)⁷.

A busca sistemática de artigos (e não de teses ou dissertações) foi realizada a partir de duas bases de dados: a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o *Sistema de Información Científica Redalyc*. Essas plataformas foram selecionadas por sua relevância para os objetivos da pesquisa, permitindo uma análise abrangente e detalhada dos trabalhos relacionados ao tema em estudo. A plataforma SciELO é indexada pela *Web of Science* e abrange artigos selecionados por meio de uma criteriosa avaliação realizada por comitês especializados, que analisam cada periódico em relação aos demais indexados na mesma área temática e à relevância dentro da coleção; já a plataforma *Sistema de Información Científica*

⁷ Os procedimentos, entre fluxograma e *checklists*, podem ser consultados no site oficial: <http://www.prisma-statement.org/>.

Redalyc é uma base de dados de acesso aberto que reúne artigos científicos de alta qualidade, focados, principalmente, na produção acadêmica “da” e “na” América Latina e que é bastante adequada para pesquisa na área das humanidades. A combinação dessas bases de dados proporcionou um panorama diversificado e relevante, garantindo a inclusão de artigos nacionais na revisão sistemática.

Inicialmente, foram utilizados os descritores: “Propriocepção” AND “Psicologia Histórico-Cultural” para a busca. No entanto, devido aos resultados escassos (e até inexistentes), foi necessário ajustar a estratégia de busca. Desse modo, adotaram-se descritores mais amplos, como: “Psicologia Histórico-Cultural” OR “Vigotski” OR “Luria” AND “propriocepção” OR “percepção” OR “sensação”. Essa reformulação levou em consideração os autores centrais da PHC, como Vigotski e Luria, e os conceitos interligados à propriocepção, como sensação e percepção. Essa abordagem ampliada possibilitou a identificação de estudos mais relevantes ao tema investigado. Optamos por Vigotski, e não Vygotski, ou Vygotsky ou Vigotsly, considerando as traduções mais recentes, a partir de Prestes (2010). Em suas publicações, Prestes discute como escolhas de tradução refletem matrizes ideológicas, culturais ou de “modo ocidental de pensar”. Portanto, ao se referir ao autor russo, usar “Vigotski” está de acordo com uma tradição de tradução cuidadosa, que busca fidelidade ao original e evita a transliteração anglo-saxônica “Vygotsky”, que se difundiu mais fora do contexto lusófono – e, como queremos pesquisas brasileiras, essa escolha de tradução é a mais coerente.

O refinamento dos resultados foi realizado seguindo critérios específicos: coleção brasileira, artigos publicados entre os anos de 2000 e 2024, pertencentes às grandes áreas do conhecimento: ciências humanas, ciências sociais, ciências da saúde e linguística, letras e artes, e sem duplicação.

Já para a seleção das pesquisas, foi estabelecida a seguinte sequência: análise dos títulos, leitura das palavras-chave, leitura dos resumos, leitura panorâmica dos artigos, com verificação das referências bibliográficas. Outro critério foi que a temática da propriocepção deveria estar presente como foco principal ou abordada de forma tangencial, enquanto a fundamentação teórico-metodológica dos estudos selecionados deveria estar alinhada aos princípios da PHC.

Quadro 1: relação entre os descritores utilizados e o número de estudos selecionados em cada etapa da revisão sistemática

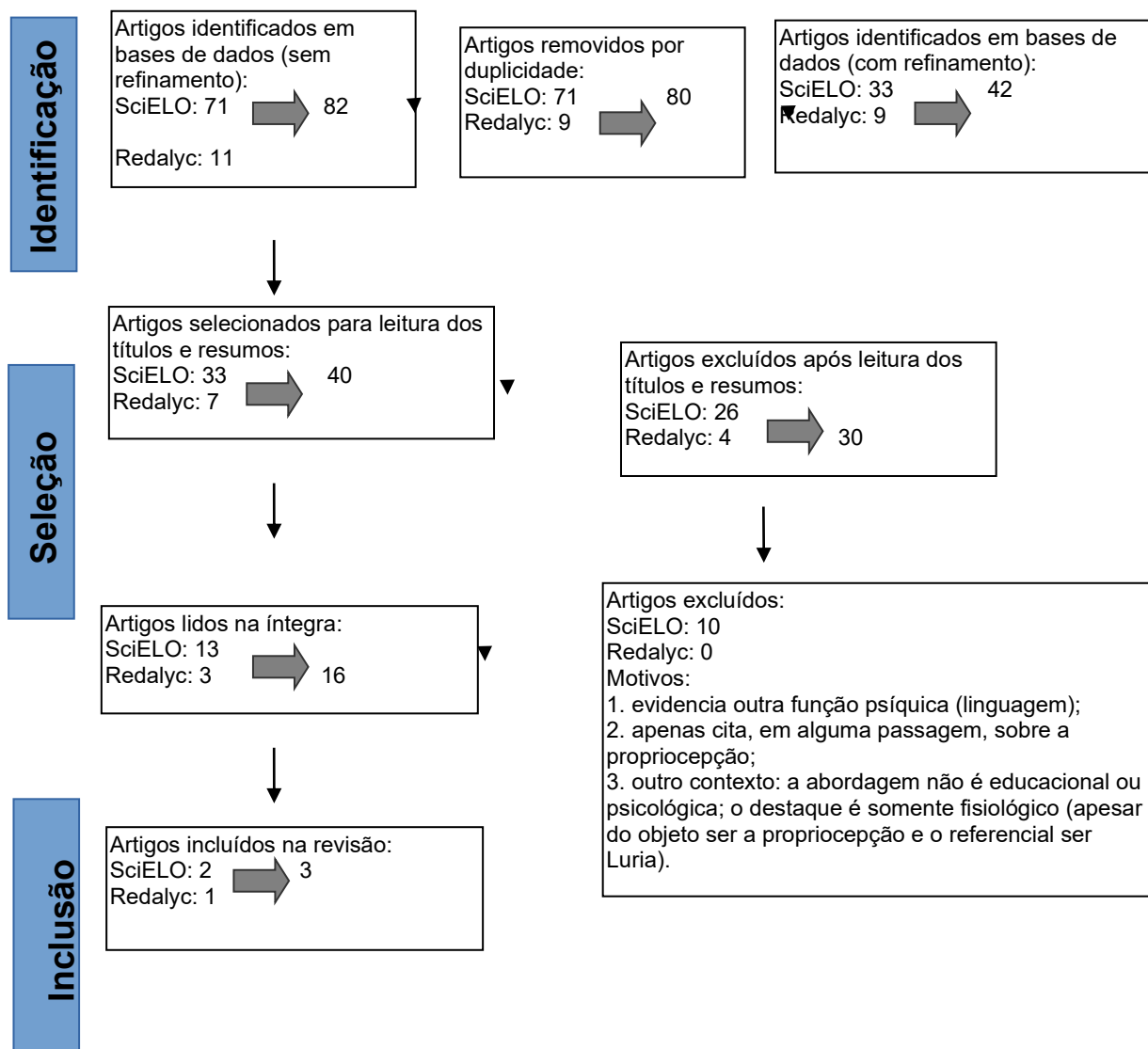
Descritor	Nº total de Pesquisas	Nº de pesquisas após refinamento	Nº de pesquisas selecionadas
Psicologia Histórico-Cultural AND propriocepção	0 na SciELO 4 na Redalyc	0 na SciELO 4 na Redalyc	
Psicologia Histórico-Cultural OR Vigotski OR Luria AND Propriocepção OR percepção OR sensação	71 na SciELO 7 na Redalyc	33 na SciELO 7 na Redalyc	3 na SciELO 3 na Redalyc
Total	71 SciELO 11 Redalyc	(sem duplicação): 33 na SciELO 9 na Redalyc	3 na SciELO 3 na Redalyc

Fonte: própria autoria.

A fim de garantir transparência e rastreabilidade ao processo de revisão da literatura, os procedimentos de identificação, de seleção e de inclusão dos estudos foram organizados conforme as diretrizes do PRISMA 2020. Enquanto o Quadro 1 apresenta quantitativamente os resultados obtidos em cada estratégia de busca, o Quadro 2 ilustra, por meio de um fluxograma, as etapas percorridas desde a identificação dos registros nas bases de dados até a definição dos artigos que compuseram o corpus final da pesquisa.

Quadro 2: Fluxograma PRISMA 2020 para apresentação do processo de seleção dos estudos ao longo de uma revisão sistemática nova.

Identificação de estudos via bases de dados e registros



Fonte: fluxograma adaptado do diagrama de fluxo PRISMA (2020). Elaboração: própria autoria.

A partir dos artigos encontrados, a análise inicial se concentrou em identificar a quantidade de artigos que abordassem a propriocepção como tema central de investigação, em contraste com aqueles que utilizavam o termo como um conceito complementar ou tangencial – sempre tendo como base a PHC (apesar de termos considerados, a princípio, também os autores Vigotski e Luria, por serem

autores principais da PHC – o que esperávamos que, ao utilizarem esses expoentes em seus artigos, a abordagem seguisse os princípios da PHC, o que não coincidiu).

Assim, os artigos que abordavam a propriocepção como tema central foram quatro: na plataforma SciELO, um estudo destacado de (1) Campos-García¹, Solovieva, Machinskaya (2024). Já na plataforma Redalyc, identificou-se três artigos relevantes: (2) Gomes da Silva (2011), (3) Nanni (2005) e (4) Gomes da Silva (2013). Os artigos que tangenciaram o tema foram encontrados na plataforma SciELO, sendo: (1) Tonietto, Wagner, Trentini, Sperb, Parente (2011), (2) Kohl Oliveira, Rego (2010), (3) Martins, Carvalho, Meire (2018), (4) Lopes; Leite; Neme; Valle (2016), (5) Tuleski; Chaves; Barroco (2012), (6) Pena, Andrade-Filho (2006) e (7) Carvalho (2000).

4.1 Artigos com o tema central em propriocepção

(1) “Reabilitação neuropsicológica em caso de adolescente com evento cerebrovascular na primeira infância”, de David Campos-García¹, Yulia Solovieva e Regina Machinskaya (2024): o artigo aborda a reabilitação neuropsicológica de um adolescente que sofreu um acidente vascular cerebral na primeira infância, resultando em danos cerebrais no hemisfério direito e no cerebelo, com sequelas motoras, cognitivas e sociais. Utilizando um programa baseado nas abordagens de Luria e de Vigotski, as intervenções consideraram a reorganização funcional dos sistemas prejudicados. O tratamento incluiu atividades lúdicas e práticas voltadas para a melhora da propriocepção, tônus muscular e equilíbrio, promovendo maior independência e motivação. Os resultados evidenciaram avanços em habilidades motoras finas, coordenação, planejamento de ações, comunicação verbal e interação social. O estudo demonstra que programas personalizados podem gerar efeitos positivos, destacando a importância de integrar aspectos psicofisiológicos e psicológicos na reabilitação.

(2) “Oliver Sacks e a ‘neurofenomenologia do self’”, de Sergio Gomes da Silva (2011): o texto explora as contribuições do neurologista Oliver Sacks. Apesar de Sacks utilizar muitos conceitos da PHC – afinal, manteve um diálogo acadêmico com Luria –, o texto traz os casos discutidos por Sacks, mas os resultados são combinados com conceitos da fenomenologia para entender temas como subjetividade, identidade e imagem corporal. Ele se destaca por considerar não

apenas os aspectos fisiológicos, mas, também, as narrativas subjetivas dos sujeitos, trazendo a perspectiva de uma neurologia mais humanizada. O artigo destaca a integração entre mente e corpo na construção da identidade pessoal.

(3) “O ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da auto-estima do educando”, de Dionísia Nanni (2005): Nanni investiga como a dança pode contribuir para o desenvolvimento da autoimagem, autoconceito e autoestima dos sujeitos do seu estudo. A pesquisa destaca que a dança, enquanto prática corporal e histórico-cultural, favorece a conscientização corporal, a expressão emocional e a interação social, promovendo o bem-estar físico e psicológico. Considerando a propriocepção, o texto a define como a capacidade do organismo perceber a posição e os movimentos dos membros sem controle visual, utilizando receptores nos músculos, nas articulações e nos tendões. A autora enfatiza que a propriocepção é essencial para o desenvolvimento do esquema corporal, a consciência espacial e a coordenação motora, fatores fundamentais no ensino da dança. Além disso, a propriocepção contribui para a formação da autoimagem e da autoestima, ao permitir que os sujeitos percebam e ajustem seus movimentos com precisão, promovendo uma integração harmoniosa entre corpo e mente. A pesquisa conclui, ainda, que a dança é importante para trabalhar alguns aspectos, especialmente se praticada desde a infância, facilitando a construção de habilidades psicomotoras e emocionais. Todavia, tal trabalho se distancia da nossa investigação por não ter um embasamento na PHC – apesar de ter algumas citações em Luria. Embora explore aspectos relevantes, como consciência corporal, propriocepção e a relação entre dança e desenvolvimento humano, sua abordagem está fundamentada em análises fenomenológicas, neurofisiológicas e psicanalíticas. A pesquisa utiliza autores como Schilder, Ajuriaguerra e Merleau-Ponty, e adota uma perspectiva mais voltada à integração de elementos anatômicos, sensoriais e emocionais.

(4) “A gênese cerebral da imagem corporal: algumas considerações sobre o fenômeno dos membros fantasmas em Ramachandran”, de Sergio Gomes da Silva (2013): o artigo analisa o fenômeno dos membros fantasmas, estudo a partir do neurologista Ramachandran, destacando a plasticidade neural como fundamento para a construção e a atualização da imagem corporal pelo cérebro. Os membros fantasmas ilustram a capacidade do cérebro de reorganizar seus mapas sensoriais após amputações, mantendo representações dos membros ausentes. O autor

propõe, a partir de Ramachandran, que a imagem corporal resulta de interações entre genética, sensações proprioceptivas e fatores visuais, destacando a plasticidade cortical como chave para compreender mudanças na percepção corporal. Quanto à propriocepção, o texto explora como ela integra informações sensoriais para formar um esquema corporal. A pesquisa evidencia experimentos que mostram que o cérebro pode incorporar objetos externos à imagem corporal, exemplificando a flexibilidade da propriocepção em se adaptar às novas configurações sensoriais, mesmo diante de alterações corporais expressivas. Embora tal trabalho traga contribuições relevantes para a compreensão da plasticidade neural e da construção da imagem corporal, distancia-se do foco do nosso trabalho por não estar fundamentado na PHC – apesar de (novamente) ter muitas citações de Luria – um autor expoente da PHC. No entanto, o trabalho de Silva (2013) adota uma abordagem predominantemente fundamentada na materialidade cerebral e na reorganização neural. Na PHC, a imagem corporal e as FPS são compreendidas a partir da mediação por instrumentos e por meio da mediação cultural. Em contraste, o autor foca na reorganização neural como base para explicar fenômenos, como os membros fantasmas, ressaltando apenas aspectos do desenvolvimento biológico.

Artigos que tangenciam propriocepção em destaque, a seguir.

(1) “Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade”, de Lauren Tonietto, Gabriela Peretti Wagner, Clarissa Marcelli Trentini, Tania Mara Sperb e Maria Alice de Mattos Pimenta Parente (2011): artigo que aborda sobre a relação entre funções executivas, linguagem e intencionalidade, destacando a linguagem como função reguladora da ação intencional, a partir do embasamento teórico de Luria, Vigotski, Baddeley e Fuster. Aqui, enfatiza-se a linguagem como mediadora no desenvolvimento das funções executivas. Elas [as funções executivas], incluem planejamento, atenção e controle inibitório, e são discutidas a partir de uma perspectiva cognitiva – e não da PHC (apesar do referencial também incluir Luria e Vigotski). Em relação à propriocepção, o artigo aborda a percepção do próprio corpo relacionada ao planejamento motor e à regulação da ação, que são mediados pelas funções executivas e pela relação entre linguagem e intencionalidade. Por exemplo: a organização de ações motoras dirigidas a

objetivos pode envolver autorregulação e comunicação interna, que dependem das conexões entre a percepção corporal e os processos cognitivos descritos.

(2) “Contribuições da perspectiva histórico-cultural de Luria para a pesquisa contemporânea”, de Marta Kohl de Oliveira Teresa Cristina Rego (2010): o texto explora os processos mentais (psíquicos) em sua relação com a cultura. Apesar de “propriocepção” não ser o tema central, o estudo apresenta uma abordagem mais específica sobre a propriocepção ao discutir sobre as “unidades do funcionamento cerebral”, com destaque para a segunda unidade, que é responsável pelo recebimento, análise e armazenamento de informações. Nesse contexto, há uma longa reflexão que enfatiza a função dos órgãos dos sentidos na recepção de dados sensoriais que fundamentam o processo cerebral. Toda a análise é feita com base nos pressupostos da PHC.

A partir das considerações gerais, acerca dos quatro estudos que abordam diretamente o tema, dois foram excluídos devido à falta de afinidade com a perspectiva teórica-metodológica adotada, PHC – apesar de citarem Luria e de terem a propriocepção como objeto de estudo. Essa incompatibilidade se deu pela abordagem teórica desses estudos, que diverge do referencial adotado em nossa pesquisa.

Sobre as referências a Luria e o destaque somente fisiológico, infere-se que isso ocorreu porque a produção do autor tem duas “fases”: uma mais fisiológica, que ocorreu no período em que imperou a censura a Vigotski na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, de 1936 a 1956; e outra fase seria quando o autor republicou seus estudos, baseados na clínica médica, porém, com base nas ideias do referencial vigotskiano (YASNITSKY; VAN DER VEER, 2016).

O trabalho de Kohl e Rego (2010), pelo referencial, apresenta considerações valiosas sobre a propriocepção e está totalmente alinhado com o referencial da PHC, contribuindo para a fundamentação do presente estudo; apesar da temática tangenciar nosso tema, e não ser o assunto principal do artigo. Os textos excluídos seguem a mesma justificativa dos que abordam o tema diretamente: é outra perspectiva teórica-metodológica, apenas citam Luria, mas sem o contexto da PHC. Os estudos que tangenciam o tema, propriocepção, associam a função da linguagem como elemento central para o desenvolvimento de outras Funções Psíquicas Superiores, entre elas a percepção, e que também traz interessantes citações sobre

o conceito de percepção (Lopes, Leite, Neme, Valle, 2016; Tuleski, Chaves, Barroco, 2012; Tonietto, Wagner, Trentini, Sperb, Parente, 2011; Carvalho, Meire, 2018, Pena, Andrade-Filho, 2006; Carvalho, 2000), e, por isso, não foram destaques nas considerações gerais. Nesses casos, a linguagem é vista como uma função que organiza e potencializa a interfuncionalidade entre os processos psíquicos, incluindo a percepção – sem, contudo, conferir a ela um foco exclusivo nem uma abordagem mais aprofundada ou extensiva sobre o conceito em si. Outras pesquisas não inclusas consideram apenas a questão fisiológica da propriocepção (Pena, Andrade-Filho, 2006, Nanni, 2005, Gomes da Silva, 2013).

Dessa forma, a partir dessa revisão da literatura, os artigos incluídos para a nossa discussão foram: Kohl e Rego (2010), Campos-García, Solovieva e Machinskaya (2024) e Gomes da Silva (2011), considerando a temática da Propriocepção na perspectiva da PHC.

Ainda, considerando que propriocepção envolve percepção e sensação, destacamos uma pesquisa que, embora não tenha a propriocepção como tema central ou diretamente vinculado à temática em discussão, apresenta discussões relevantes sobre o assunto no decorrer do texto. Esse artigo não foi selecionado para análise por não abordar o tema de forma extensiva – faz somente uma passagem do tema – mas, mesmo que brevemente, traz uma contribuição interessante que pode ser aproveitada nesse estudo. É o caso do artigo de Andrade e Smolka (2012), na qual, frequentemente, utiliza o termo “percepção” no sentido de “tornar-se próprio” (p. 708), destacando sua relação com o corpo/cérebro, a cultura e a apropriação.

(...) as percepções (“situadas” nas áreas occipitotemporoparietal) não são apenas um conjunto de sensações acumuladas ou simplesmente armazenar, mas são criadas no ato do desenvolvimento do indivíduo. Se a percepção depende das condições do ambiente para sua constituição, podemos dizer que ela é armazenada, processada, é construída no acontecimento das apropriações das práticas socioculturais (ANDRADE; SMOLKA, 2012, p. 704).

Por fim, apesar de termos identificado pesquisas que abordam o tema da propriocepção, nenhuma delas apresentou um foco específico na dimensão da PHC, ou, como no caso de Kohl e Rego (2010), que é uma pesquisa na PHC, mas não apresentou o tema específico da propriocepção.

O que mais se observou na literatura existente foi um enfoque na dimensão fisiológica da propriocepção, muitas vezes, fundamentado nos estudos de Luria, mas sem discussões sob uma abordagem da PHC ou que interrelacione com FPS, ato volitivo ou apropriação.

Essa lacuna evidencia que a propriocepção na perspectiva da PHC ainda é uma temática nova e pouco investigada. Nesse sentido, a revisão apresentada contribui para ampliar (e instigar) pesquisas sobre a propriocepção a partir da abordagem da PHC, de modo a aprofundar a compreensão da constituição humana a partir do corpo, compreendido não apenas como substrato biológico, mas como princípio epistemológico do conhecer, de sentir e de existir. Investigar a propriocepção sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural implica reconhecer que a unidade corpo-mente não é um dado natural, mas uma construção histórica e mediada, que se realiza nas relações sociais e simbólicas. É pelo corpo que o sujeito percebe o mundo, organiza a experiência sensível e, gradualmente, toma consciência de si – processo no qual sensação, percepção e pensamento se entrelaçam dialeticamente. Assim, recolocar o corpo no centro da reflexão psicológica é retornar ao ponto de origem da consciência, ao lugar onde o humano se constitui como ser perceptivo, relacional e histórico.

O processo de constituição humana, em qualquer área, habilidade ou prática, demanda tempo e se dá de forma idiossincrática, passando por processos de percepção do mundo, escolha de signos, desenvolvimento e ação. Constituir-se, portanto, é se desenvolver no tempo, no espaço e no meio.

Assim, a análise dos artigos selecionados reforça a relevância da propriocepção como elemento mediador no desenvolvimento humano e nas práticas que envolvem o corpo em ação. A revisão da literatura, ao trazer esse panorama, não apenas ofereceu subsídios teóricos e metodológicos para a composição da pesquisa, como também instigou a busca por novas fontes e interpretações dentro da PHC, ampliando o campo de investigação da propriocepção na perspectiva da PHC. Em especial, investigou-se a propriocepção como atividade voluntária – e não apenas reflexa – de um corpo que age, que sente e que se relaciona com o mundo.

5. Considerações

Esse estudo parte da constatação da insuficiência de investigações sobre a propriocepção na perspectiva da PHC, e revela não apenas uma lacuna teórica e metodológica na literatura científica, como, também, uma oportunidade de reorientar a forma como concebemos o corpo, o sentir e o se situar no espaço e no tempo. A partir da PHC, especialmente nos desdobramentos das obras de Vigotski, de Luria e de Leontiev, compreende-se que as FPS são historicamente desenvolvidas e culturalmente mediadas. Nesse sentido, a propriocepção não pode ser pensada apenas como um dado fisiológico. Ao contrário, trata-se de uma função passível de reorganização e de desenvolvimento a partir das práticas sociais, das relações simbólicas e dos contextos culturais de aprendizagem. A PHC fornece, portanto, um arcabouço para superar as leituras naturalizantes da propriocepção, frequentemente vinculadas ao campo biomédico ou neurocientífico, para recolocá-la como dimensão da experiência humana.

Ao compreender a propriocepção como função psíquica voluntária, afirma-se uma abordagem que valoriza a intencionalidade, a consciência e a sensibilidade como dimensões essenciais da formação dos sujeitos. Não se trata apenas de “sentir o corpo”, mas de aprender a senti-lo a partir de experiências mediadas por instrumentos simbólicos e por práticas culturais partilhadas (Silva, 2025). O desenvolvimento da propriocepção, portanto, pode ser compreendido como um processo de formação humana, no qual o corpo deixa de ser apenas suporte biológico para se tornar campo de expressão e de ação.

Retomar a propriocepção como uma categoria relevante na PHC tensiona o próprio modo como pensamos o desenvolvimento das FPS. É reconhecer que o corpo, historicamente subalternizado em teorias do conhecimento, é voltar ao início, entendimento de que o corpo é lócus de mediação cultural, de formação consciente e de constituição subjetiva.

Por fim, a escassez de produções sobre o tema, na perspectiva histórico-cultural, indica a urgência em se aprofundar investigações que articulem os fundamentos da PHC com discussões centradas na experiência sensível e corporal. O presente estudo mapeia essa ausência epistemológica, e também propõe uma

abordagem comprometida com a complexidade dos fenômenos humanos; sempre histórica, situada e dialética, ampliando, assim, as possibilidades de compreensão da natureza e da constituição humana.

7. Referências

- ANDRADE, J. J.; SMOLKA, A. L. B. Reflexões sobre desenvolvimento humano e neuropsicologia na obra de Vigotski. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.17, n.4, 2012.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. 6. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2009.
- CAMPOS-GARCÍA, D.; SOLOVIEVA, Y.; MACHINSKAYA, R. Reabilitação neuropsicológica em caso de adolescente com evento cerebrovascular na primeira infância. *Psicologia em Estudo*, v. 29, p. 1-16, 2024.
- DAMÁSIO, A. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: companhia das letras, 2011.
- DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: companhia das letras, 1996.
- GOMES DA SILVA, S. Oliver Sacks e a “neurofenomenologia do self”. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 14, n. 3, p. 452- 471, 2011.
- GOMES DA SILVA, S. A gênese cerebral da imagem corporal: algumas considerações sobre o fenômeno dos membros fantasmas em Ramachandran Physis. *Revista de saúde coletiva*, v. 23, n. 1, p. 167-195, 2013.
- HUME, D. *Tratado da natureza humana*. Trad. D. Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2001 (obra original publicada em 1739).
- KIGNEL, R. *O corpo no limite da comunicação*. São Paulo: summus editorial, 2005.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004. (Original work published 1978).
- Lopes, E. M. C.; Leite, L. P.; Neme, C. M. B.; Valle, T. G. M. O desenvolvimento psicológico do adulto com deficiência adquirida: contribuições de A. R. Luria na obra “O homem com um mundo estilhaçado”. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), p. 63-68, 2016.
- LURIA, A. R. *Fundamentos da neuropsicologia* (Trad.: RICARDO, J. A.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- LURIA, A. R. *Curso de psicologia geral*. Editora civilização brasileira: Rio de Janeiro, 1979.

MARTINS, L. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas: Autores Associados, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção* (Trad.: MOURA, C.). São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Texto original publicado em 1945).

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), p. 264-269, 2009.

NANNI, D. O ensino da dança na estruturação: expansão da consciência corporal e da autoestima do educando. *Fitness & Performance Journal*, vol. 4, núm. 1, p. 45-57, 2005.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Contribuições da perspectiva histórico-cultural de Luria para a pesquisa contemporânea. *Educação e pesquisa*, v. 36, p. 107-121, 2010.

PENA, G. P.; ANDRADE-FILHO, J. S. Implicações cognitivas, filosóficas e educativas do trabalho do patologista. *Revista brasileira de educação médica*, v. 30, n. 2, p. 76-86, 2006.

PRESTES, Z. R. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semenovich Vigotski no Brasil - repercussões no campo educacional*. 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

SACKS, O. *O homem confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas*. São Paulo: companhia das letras, 1997.

SHERINGTON, C. S. *The integrative action of the nervous system*. Yale University Press, 1906.

SILVA, B. V. M. *Corpo e mente que vivenciam e que significam: propriocepção e significação nas relações de ensino de música – considerações em diálogo com a perspectiva histórico-cultural*. 2025. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2025.

SMOLKA, A. L.; OLIVEIRA, M. H.; REGO, T. C. Disseminação, interpretação e desenvolvimento da psicologia histórico-cultural no Brasil: entrevista com Ana Luiza Smolka e Marta Kohl de Oliveira. *Educativa*, Goiânia, v. 25, p. 1-33, 2022.

TONIETTO, L.; WAGNER, G. P.; TRENTINI, C. M.; SPERB, T. M.; PARENTE, M. A. M. P. Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade. *Paidéia*, v. 21, n. 49, p. 247-255, 2011.

TULESKI, S. C.; CHAVES, M.; BARROCO, S. M. S. Aquisição da linguagem escrita e intervenções pedagógicas: uma abordagem histórico-cultural. *Fractal- Revista de Psicologia*, v. 24, n. 1, p. 27-44, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *Problemas de psicología general*. Obras Escogidas, Tomo II. Madrid: Visor Distribuciones, 1993 (obra original publicada em 1932).

VIGOTSKI, L. S. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Obras Escogidas, Tomo III. Madri: Visor, 1995 (obra original publicada em 1931).

VIGOTSKI, L. S. *Mind in society: the development of higher mental processes*. Trad.: COLE, M.; JOHN-STEINER, V.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. *Revisionist Revolution in Vygotski Studies*. Hove & New York: Routledge, 2016.

ZAVERSHNEVA, E. Vygotsky the unpublished: an overview of the personal archive (1912-1934). In YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. (Ed.), *Revisionist Revolution in Vygotski Studies*. Hove & New York: Routledge, 2016, p. 94-126, 2016.

Recebido: novembro/2025

Aprovado: junho/2026